

O
CARAPUCEIRO

13 DE OUTUBRO
DE 1832



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novère libelli
Parcere personis, dicere de vitiis,
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. - POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17. — 1832.

AS PONTES, E ESTRADAS.

He verdadeiramente lamentavel o desleixo, ou antes ruina, em que se achão as nossas pontes, e estradas. Esta Provincia bem differente nesta parte da Provincia da Bahia quasi nada embarca do reconcavo para os mercados da capital por falta de rios navegaveis, fazendo todos os seus transportes ás costas de annuaes, e por caminhos bem pouco melhorados dos trilhos, de que se servirão os caboccos, quando erão absolutos, e unicos senhores da terra. D'aqui a meu ver o augmento de riqueza, e prosperidade, que aquella Provincia temtido sobre esta, alias tão fertil, tão productiva, e populosa. Não ouço por toda a parte, se não papagueadores; planos, theozis, muita

ambição, muita intriga, e nada de melhoramento ainda nas cousas essenciaes. As pontes, sem as quaes não podemos viver nesta Cidade, causão dô pelo estado ruinoso em que se achão. A do Recife está na miseria, em que todos a vemos: toda atravancada de passadissos, toda esburacada, parece hum barco velho virado de crena. A da Boa Vista quasi no mesmo desamparo: a da passagem da Madalena, ponte tão util, tão necessaria, foi-se pelo rio a baixo, graças á boa construcção, com que foi feita; a dos Afogados está se emplastando, e remendando; a de Motocolombó toda esburacada, e combalida; a dos Carvalhos deo-lhe o estupor de hum lado, de maneira que quem passa por ella vê-se na necessidade de ir á bolina, e

com o Credo na bôcca.

Que faz a nossa Camara, que faz o Concelho do Governo, que não olhaõ para estes objectos da primeira necessidade com olhos de compaixãõ ao menos, já que isso de Patriotismo he para muitos moçada chanchãa? Estad-se concertando as pontes (dizem alguns); e he verdade, que vemos sempre andarem-as remendando: mas não sei, que mau fado cahio sobre as pobres pontes de certos annos para cá, que quando o concerto chega ao meio já a cabeça da ponte está esfuracada, e pôdre, vindo a ser em Pernambuco o objecto *pontes* a verdadeira téa de Penelope. Aqui nasci, e fui creado, e vi, que essas mesmas pontes no tempo do despotismo passavaõ muitos annos sem carecerem de concerto; hoje porem que só se falla em liberdade, que só se apregoad venturas, as pontes duraõ tão pouco, que parecem construidas de paus de mamão, ou de jangada. Não se alegrem já os Senhores absolutistas com esta minha torquezada, filha do zello, que tenho pelo Bem Publico. A culpa destas, e d'outras faltas não procede certamente do sancto regimen Constitucional; nasce sim das más manhas, em que nos creou, e embalou esse mesmo governo absoluto de execravel memoria; e bem se sabe quam difficultosa cousa he largar os maus costumes, que tem começado no berço. A geraçãõ presente do Brazil (com magoa o digo) não he capaz de faser os melhoramentos todos, de que havemos mister; porque a isto oppõe-se d' huma parte a ambiçãõ de huns, de outra os interesses mal entendidos

de alguns, os vicios inveterados, de outros, e a ignorancia de muitos. A plena felicidade da nossa Patria está guardada, a meu ver, para a geraçãõ futura: *se eu sei não nasco.*

O estado miseravel das estradas excede a todo o encarecimento. Os transportes cada vez se difficultãõ; mais e estradas há, que se tem tornado intransitaveis. No meu humilde parecer este he o objecto, que devêra merecer todos os disvellos do Concelho do Governo, e das Camaras Municipaes. As pessoas, que morãõ no Recife ordinariamente olhaõ para a gente dos matos com pouca attençaõ; e por isso pouco, ou nada lhes dóe a desgraça, em que se achãõ os caminhos, e alguns talvez entendaõ, que o Thezouro só deve dispender com objectos de beneficio e comodidades para a gente do Recife. Mas quanto se enganaõ os que assim pansãõ! A agricultura, mórmente no nosso paiz, onde quasi nenhuma industria há, he o unico manancial d'abundancia, e prosperidade publica; e se as nossas estradas estivessem bem feitas, e transitaveis; a gente do Recife teria mais abundancia de comestivos, e outros generos importantes por hum presso muito menor. Quantas vezes os Agricultores das nossas matas antes quierem deixar apodreecer o feijãõ, por ex., de que fazelo conduzir a os mercados da Cidade por causa das difficultades, riscos, e despezas do transporte? Em verdade causa dó ver como hum pobre almocreve conduz huma carga por esses caminhos medonhos, mórmente em tempos de inverno. Quantas cargas perdidas! Quantos cavallos estropeados!

perdidos, e mortos por essas estradas!

He para extirpar, e lamentar, que o General Luiz do Rego, cuja infame roda muito o comprometeo, tivesse o louvavel cuidado de faser as estradas de quasi toda a Provincia em pouco mais de quatro annos, que governou; e os nossos Governos, Patricios, e Liberaes no decurso de dez annos tenhaõ abandonado inteiramente hum objecto, que diz respeito a os mais vitaes interesses do seu Paiz. O nosso concelho do Governo, em o qual achaõ-se alias cidadãos, que muito respeito por suas luzes, e virtudes, parece-me, que nenhum caso tem feito das estradas, e pontes, e se há dado algum impulso a isto, he taõ fraco, e inefficiente, que o resultado he o que estamos vendo.

Pela lei do orçamento 60 contos de rs. foraõ marcados para as obras publicas desta Provincia no corrente anno financeiro. Huns dirãõ, que devem ser dispendidos em aformosear ruas, outros para isto, outros para aquillo: mas se o meu voto merecesse attençaõ, e me perguntassem a que obras deviaõ ser applicados esses 60 contos; eu diria, que todos se gastassem em melhorar as estradas, e concertar as pontes. A nossa Camara Municipal se havia de empenhar-se sobre todas as cousas na construcçaõ das pontes, e beneficio das estradas do seu termo teve a infeliz lembrança de fazer correicãõ de Cruzes, fazendo-as demolir por hum modo, que justamente offendeo a piedade indestructivel do Tõvo, e deo naõ pequena voga ás sugestões dos vellacos absolutistas.

Eu escrevo no meu Paiz, e escrevo com o louvavel fim de ver, se consigo corrigir as más açõs, que podem prejudicar assim á Moral, como á Politica do nosso Brazil: por isso naõ se me deve extranhar a linguagem franca, de que uso; porque para emendar vicios he mister dizer verdades duras, e verdades desta natureza devem desagradar a muitas pessoas. Os nossos negocios marchaõ sempre mal; porque a mór parte dos Funcionarios publicos põe o seu interesse privado acima do interesse geral; o primeiro he o seu idolo, he o objecto de todas as suas fadigas, ao mesmo tempo que o segundo he sempre tractado com friezas, com certo desmazello, e muitas vezes com a mais criminosa indifferença. Quando qualquer solicita (o que acontece a mór parte das vezes) ou aceita hum Emprego publico, naõ cuida em estudar as obrigações, que lhe estaõ anexas para bem as desempenhar, naõ lhe ocorre o beneficio, que a Patria deve tirar dos seus bons serviços; a sua mira he informar-se logo de quanto lhe pode render o officio, que cahidos offerece, e naõ poucas vezes que traças serãõ convenientes para o tornar mais elastico.

Eu naõ censuro o interesse privado; sei a força, e imperio, que elle exerce sobre a maioria dos homens: mas tambem naõ ignoro, que elle pôde combinar-se, e de certo modo neutralizar-se com o interesse publico, e he só entãõ que elle se torna justo, e muitas vezes proveitoso. Procuremos embora a nossa conveniencia particular, promovamos por todos os meios licitos os nossos in-

teresses, sem o que a totalidade dos homens não dá hum passo neste grande theatro, chamado Mundo; mas não despresemos o bem geral, nao' olheimos para o interesse publico, como cousa de pouca monta; pelo contrario façamos pelo congrassar com o nosso, isto he; calhamos todo o proveito honesto, já pecuniarrio, já de honra, e de gloria de servirmos a nossa Patria com assiduidade, zello, e energia. Fiquemos por

humas vez persuadidos, que a cousa publica entra no interesse de cada particular; porque se o Paiz prospera; e felicidade geral directa, ou indirectamente reparte se por todos, assim como nas misérias, e calamidades publicas não há quem não seja mais, ou menos aquinhoado, quem mais, ou menos deixe de padecer, e queixar-se.

Abusos, e males, mórmente se são inveterados, não se remedião, não se curaõ com lindas theorias, com palavras pomposas, e expressões patrioticas de Dramas, e Novellas; corrigem-se, emendaõ se, melhoraõ se, por obras, para as quaes he mister, que todos concorramos de bom grado, e boa fé, cada hum segundo as suas faculdades físicas, ou moraes. Já se tem passado mais de dez annos, que proclamamos a mais saucta, e justa das Causas, que hum Povo póde sustentar, quero dizer; a Independencia, manancial fecundo de todas as vantagens sociaes; a par da nossa Independencia abraçamos o unico regimen capaz de dirigir entes racionaes, e livres, o regimen Constitucional Representativo. Mas por humas desgraça, oriunda dos nossos maus habitos, e do exaltamento das paixões, fomentada pelos nossos inimigos, entredida pela ignorancia dos Povos, desprezada pelos Governantes, e pouco, ou nada sentida dos Governados, não se tem cuidado em o melhoramento do nosso Paiz, alias taõ digno, e carecedor de beneficios. Todo esse tempo tem se passado em escarapellas de partidos, em sedições, chamadas rusgas: o Commercio tem-se entorpecido, a Agricultura definhado; os Capitaes corrido do nosso circulo; o desanimo, e o susto tem-se apoderado dos corações: ninguem julga seguras nem a sua propriedade, nem a mesma vida: no meio deste desassocego, neste estado de convulsão, em que tudo se considera precario, vacilante, e efemero, esquecem os melhoramentos, paralysã se as obras publicas, os cidadãos reconcentraõ se, e limitã se desconfiados ao seio das suas familias.

Os malditos absolutistas são os primarios causadores de todos esses males. Elles nos trazem intrigados desde o coineço da nossa Emancipação politica; elles observaõ todos os nossos passos;

elles sopraõ por toda a parte o fogo da discórdia, e a maneira de certos licores, que só servem de azedar, e fazer fermentar os outros, perturbaõ todos os negócios, indispoẽ os animos, promoveu levantos pelos matos, e esperançados de que são estes os unicos meios de fazer voltar ao Brazil seu Senhor D. Pedro de Bragança, que alias nunca lhes deo nada, nenhuma bem lhes fez, excepto se por tal consideraõ as insinuações, que dava a os Brasileiros natos para que levassemos a ferro, e fogo aos seus patricios delle, aos Europeos, que não ignorando donde lhes vinha a trovoadã, consagraõ lhe (e com rasaõ) hum odio fidalgo. Hoje porém a mór parte dos Senhores Europeos quer dar a vida por elle. A tanto chega a miseria humana!

Quando porém seremos todos unanimes? Quando se acabarã tantos partidos? Quando euilaremos em os nossos verdadeiros interesses? Deos nos traga pelos seus devidos tramites aquellas reformas Federaes, adaptadas as nossas circumstancias, e de que tanto havemos mister. Só entã parece-me, que teremos melhoramento. O Senhor as traga; e nós todos que a veja nos Apoia-do (já sei que respodem os meus Leitores) Entre tanto basta de secca; aDeos até sabbado.

ANNUNCIO.

Sahio a luz hum pequeno folheto intitulado — Resumo dos deveres do homem, e do Cidadã — Esta obra que só pelo seo titulo merece alguma consideração; porque nada ha mais importante na Sociedade, do que conhecer o homem seos deveres, e obrigações, é com effeito hum compendio daquelles principios, que deve saber todo o homem amante da sua Patria, porque quem o he deve exforçar se por adquirir hum idea ao menos daquillo que é mais necessario. Ella acha-se á venda na Rua do Livramento Botica de Manoel Romã de Carvalho, e no Recife, prensa de Antonio Jozé de Albuquerque, forte do Mato.

Pernambuco; na Typ. Fidedigna.